

## **A imprescindível gestão da Professora Maria Martha de Carvalho (1964-1973) na consolidação da Escola de Biblioteconomia da UFMG**

**Maria Martha de Carvalho**

**Paulo da Terra Caldeira**

Entrevista realizada pelo Prof. Paulo da Terra Caldeira (1) com a Profa. Maria Martha de Carvalho, diretora da Escola de Biblioteconomia da UFMG, no período de 1964 a 1973. A entrevista foi realizada no apartamento localizado à Rua Prof. Antônio Aleixo, no bairro de Lourdes, em Belo Horizonte, no dia 13 de agosto de 1998. Colaboraram, também, as bolsistas de Aperfeiçoamento, Marluce S. C. Moreira (2) e Sirlene A. F. Paes (2). Durante mais de três horas, tivemos o prazer de ouvir a Profa. Martha discorrer sobre sua vasta experiência à frente de uma Escola que ela soube conduzir com pulso forte, competência e sabedoria. Podemos constatar que seu esforço não foi em vão. Hoje, a Escola está instalada em um confortável prédio próprio, oferece três cursos de graduação: Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia; dois cursos de especialização, o de mestrado e o de doutorado em Ciência da Informação.

**Entrevistador** – Primeiramente, gostaria que a senhora falasse sobre a área de Biblioteconomia.

**Profa. Maria Marta** - Olha, eu pensava em dar continuidade aos meus estudos. Como eu havia concluído o curso de formação de professores, as oportunidades para entrar na universidade eram mínimas. Os candidatos deveriam fazer o curso como se fosse supletivo e se submeterem às provas no Colégio Estadual. Eu buscava sempre esses cursos que poderiam aumentar os meus conhecimentos. Aí, surgiu a oportunidade de fazer o curso de Biblioteconomia. Não conhecia nada a respeito, antes. Vi o anúncio no jornal e estou aqui!

**Entrevistador** - Era importante, na época, fazer um curso de Biblioteconomia?

**Profa. Maria Marta** - Eu acredito que naquela época era, embora o curso fosse pouco conhecido. Anteriormente, era um curso destinado somente para professores primários, oferecido sob o patrocínio da Secretaria da Educação do Estado de Minas Gerais, até o ano de 1950. No ano seguinte, a Professora Etelvina Lima não conseguiu renovar o

patrocínio da Secretaria da Educação. O Instituto Nacional do Livro, conhecendo a luta da Professora Etelvina, resolveu manter o curso, mesmo sem o patrocínio do Estado, mas, com recrutamento amplo, recebendo, inclusive, pessoal que já trabalhava nas bibliotecas da Universidade de Minas Gerais. Fui colega de Hayte Aleixo, de Décio Vasconcelos e de Maria Tereza Viera, da Faculdade de Direito, da Escola de Arquitetura e da Escola de Engenharia, respectivamente, e outras, das quais não me lembro.

**Entrevistador** - Que época foi essa, professora?

**Profa. Maria Marta** - Eu fiz o curso em 1951. Quer dizer, foi o primeiro ano que ele foi aberto a outras pessoas que não fossem professoras primárias.

**Entrevistador** - Como era o curso que a senhora fez? E os professores?

**Profa. Maria Marta** - O Curso era de um ano. A Professora Etelvina procurava os melhores nomes de Belo Horizonte para integrar o corpo docente do curso. Nós tivemos professores como Artur Versiani Veloso, que ministrava Evolução do Pensamento Filosófico e Científico; Henriqueta Lisboa, Literatura; Eduardo Frieiro, História do Livro; dentre outros. Era a nata dos professores, apesar do curso ser pouco conhecido. Todos os professores, entre eles, Etelvina Lima, preocupavam-se, justamente, em dar o melhor de si, já que era um curso pouco conhecido e, talvez, na área de Ciências Humanas, pouco valorizado. Tanto é verdade, que falávamos que se a Escola não era a maior, teria que ser a melhor.

**Entrevistador** - Nessa época, qual era a duração do curso?

**Profa. Maria Marta** - O curso teve a duração de um ano, em 1951 e 1952. No ano seguinte, passou a ser integralizado em dois anos. Muitos dos alunos que concluíram o curso naqueles anos, por livre e espontânea vontade, voltaram aos bancos escolares para ampliar seus conhecimentos.

**Entrevistador** - Como era o currículo?

**Profa. Maria Marta** - O curso incluía em seu currículo, como até hoje, as disciplinas Classificação, Catalogação, Bibliografia, Organização e Administração de Bibliotecas e, ainda, disciplinas de cultura geral, que eram representadas pelas disciplinas Evolução do Pensamento Filosófico e Científico e História do Livro. Posteriormente, foram oferecidas as de História da Arte e Introdução aos Estudos históricos e Sociais. Vale lembrar, também, que esse currículo serviu de base para o currículo mínimo, que passou a ser exigido para todos os cursos brasileiros da área.

**Entrevistador** - Como eram os alunos do curso?

**Profa. Maria Marta** - Muitos dos alunos já estavam trabalhando na Universidade de Minas Gerais, como bibliotecários. Na época, a profissão não era regulamentada, as pessoas tinham o emprego e não era exigido curso para o exercício da profissão. As turmas eram constituídas de pessoas mais maduras e com experiência, inclusive, no trabalho. Frequentavam o curso para adquirirem embasamento teórico, pois possuíam prática.

**Entrevistador** - Naquela época, então, era importante fazer um curso de Biblioteconomia?

**Profa. Maria Marta** - Olha, eu não sei se era importante fazer o curso de Biblioteconomia. Ele era considerado como se fosse um curso de aperfeiçoamento, especialização, sem pretensões universitárias. Sua importância residia na razão direta de que o formando conseguiria emprego imediatamente.

**Entrevistador** - Onde funcionava o curso? Havia um local adequado, uma sede própria?

**Profa. Maria Marta** - Quando fiz o curso, ele funcionava na Associação Médica de Minas Gerais. Anteriormente, funcionou no Instituto de Educação de Minas Gerais, porque fazia parte de um curso de especialização para professores e era oferecido no próprio Instituto, com patrocínio da Secretaria da Educação de Minas Gerais. Posteriormente, passou a funcionar no Edifício Acaiaca, em salas cedidas pela Faculdade de Filosofia. Com a mudança dessa Faculdade para a Rua Carangola, passou a ocupar duas salas do Colégio de Aplicação. Posteriormente, com a transferência da Reitoria para o *campus* da Pampulha, o Reitor, Professor Orlando de Carvalho, convidou a direção da Escola para mudar-se para o 6º andar do prédio da Reitoria.

**Entrevistador** - Em seu currículo, há registro de inúmeros estágios e cursos no exterior. Qual a importância que eles tiveram para a sua formação?

**Profa. Maria Marta** - Eu diria que foram mais importantes para a consolidação da Escola, porque busquei, nessas experiências no exterior, orientação para a condução das disciplinas ofertadas. O primeiro estágio foi realizado em duas etapas. A primeira, em Cleveland, e a segunda, em Washington, onde observei as metodologias de ensino. Eu me fixei na atuação do professor. Assistia às aulas e, a cada hora, entrava em uma sala e assistia à aula daquele professor. Analisava como ele havia elaborado o programa, o *sillabus* e trocava ideias com ele. No retorno ao Brasil, trouxe várias ideias para repassar aos nossos professores, tanto que fomos a primeira Escola a ter *sillabus*. Nós fomos ao exterior observar a metodologia adotada e retornamos com mais experiência. Com o

*sillabus*, o professor estava sempre se atualizando e inovando. Ele não poderia manter o mesmo programa todos os semestres. A cada semestre, o professor deveria atualizar a bibliografia, mostrando que estava acompanhado o desenvolvimento da literatura na área. O uso do *sillabus* foi excelente para o crescimento da Escola e do professor. Primeiro, do professor e, depois, da Escola.

A segunda experiência, logo em seguida, foi a participação em um projeto da UNESCO, que visava a atualização de professores de Biblioteconomia de países de terceiro mundo. Foi na Dinamarca. Essa experiência foi adquirida durante as aulas com os professores das diversas disciplinas que compunham o currículo da Escola de Biblioteconomia. Chegando ao Brasil, organizei um curso semelhante ao oferecido em Copenhague e convidei a professora de Didática geral, Magda Becker Soares e a professora de Didática de Biblioteconomia, Josefa Emília Sabor, da Argentina, além de professores de diversas Escolas brasileiras para participarem do curso, com bolsas de estudo.

**Entrevistador** - Quais foram as instituições que subsidiaram as bolsas de estudos para os participantes?

**Profa. Maria Marta** - A CAPES arcou com as despesas dos professores. Eles estiveram durante um mês em Belo Horizonte. O curso constou de uma parte de didática geral, ministrada pela Professora Magda Soares; a segunda parte, relativa ao ensino de Biblioteconomia, foi conduzida pela Professora Josefa Emília Sabor e cada um dos professores, da Escola de Biblioteconomia da UFMG, aplicou os conhecimentos adquiridos em sua disciplina. Assim, todos os participantes foram envolvidos na experiência e o resultado foi excelente. Com isso, divulgamos a Escola Biblioteconomia em nível nacional. Esse curso permitiu que ela fosse conhecida como uma Instituição séria, na qual os professores estavam imbuídos no mesmo intuito.

A terceira experiência de estágio no exterior não alcançou tão bons resultados como as duas primeiras. Constou de um projeto do Programa de Ensino Médio (PREMEM), que envolveu orientadores educacionais, coordenadores pedagógicos e bibliotecários. Fomos para um programa de estudo em San Diego, Califórnia, nos Estados Unidos. Foi uma experiência muito interessante, mas não pude dar qualquer contribuição ao retornar ao Brasil. Nada foi cobrado. Eu fiquei um pouco frustrada porque eles investiram muito, levando tanta gente e, depois, o próprio programa faliu. Três Estados participaram da experiência: Espírito Santo, Minas Gerais e Bahia. Não recebemos qualquer notícia dos resultados. Nada foi cobrado da Escola de Biblioteconomia que eu estava representando. Quer dizer, adquirir conhecimentos, li muita coisa, mas, para o próprio programa, não houve uma preocupação em apresentar para as instituições os resultados alcançados pelos participantes.

**Entrevistador** - Bem, acredito que esses estágios e cursos tenham sido importantes para a senhora. Quais foram as contribuições que os participantes trouxeram para seus colegas e instituições?

**Profa. Maria Marta** - Acredito que foram importantes e proveitosos.

**Entrevistador** - Quais foram os pioneiros da área de Biblioteconomia com os quais a senhora conviveu?

**Profa. Maria Marta** - Não resta dúvida que foram a Professora Etelvina Lima; Cacilda Basílio de Souza Reis, na Catalogação e Classificação; Zilá Frota, professora de Literatura Infantil; Henriqueta Lisboa, responsável por Literatura em Geral; e os professores Artur Versiano Veloso e Eduardo Frieiro.

**Entrevistador** - Além dos professores da Escola, a senhora conviveu com muitos pioneiros de outros Estados. Quais foram eles?

**Profa. Maria Marta** - Lídia Sambaquy, Edson Néry da Fonseca, Maria Luiza Monteiro da Cunha, Célia Zaher, Laura Maia de Figueiredo, Gilda Braga, minha orientadora de dissertação.

**Entrevistador** - Qual foi a influência que eles tiveram em sua formação acadêmica?

**Profa. Maria Marta** - Eu acredito que a Professora Etelvina foi muito importante para mim, em termos de seriedade e de vontade de vencer profissionalmente.

**Entrevistador** - O curso de Biblioteconomia teve influência no funcionamento das bibliotecas nas décadas de 1950 e de 1960?

**Profa. Maria Marta** - Sim. Com toda a certeza! Porque foi ali que começou a mudança da biblioteca, a nova visão de organização da biblioteca. Antes, como eu disse, o curso era oferecido para professoras primárias. Contava com a pioneira que havia voltado de São Paulo e criado o curso. Os professores eram autodidatas. Assim, a organização das bibliotecas nasceu com a criação do próprio curso, aqui em Belo Horizonte. A difusão da importância da Biblioteca foi feita pela Professora Etelvina com o início do curso, que era aberto a todos.

**Entrevistador** - Gostaria que a senhora discorresse sobre algumas pessoas que deram apoio e contribuíram de forma significativa para que o curso se tornasse uma unidade da UMG. A senhora já citou o Reitor Orlando de Carvalho...

**Profa. Maria Marta** - Não resta dúvida! O Professor Orlando de Carvalho foi o protetor da Biblioteconomia, o defensor, e quem, afinal, fez a proposta para o curso passar a integrar a UMG. A proposta defendida por um Reitor, no Conselho Universitário, já era meio caminho andado! Para os professores do curso não havia problema algum. Tivemos primeiro a satisfação de ver o curso incorporado à UMG, junto ao Departamento de Assuntos Culturais. Posteriormente, com lutas insanas, queriam que conseguíssemos uma lei, criando a própria Escola. Aproveitamos uma época propícia e excelente, que foi o período da Revolução. Foi encaminhado um Projeto de Lei pela Presidência da República ao Congresso, que teria apenas 30 dias para ser aprovado e não poderia sofrer emendas. Dessa forma, foi criada a Escola de Biblioteconomia na Universidade de Minas Gerais, mais tarde UFMG.

**Entrevistador** - A senhora foi Diretora da Escola durante dez anos. Qual foi o período da sua gestão?

**Profa. Maria Marta** - Eu fui Diretora por dez anos. Primeiro, fui designada pelo Reitor e, por recondução, a cada três anos. De 1964 a 1973.

**Entrevistador** - Desde a aprovação dessa Lei?

**Profa. Maria Marta** - Desde a incorporação do curso pela Universidade. A Professora Etelvina se afastou, para realizar viagem aos Estados Unidos e, posteriormente, à Brasília, e eu continuei na direção do curso.

**Entrevistador** - Como a senhora se sentiu na direção da Escola nesse período conturbado? Eu gostaria de saber alguns episódios relevantes. Havia alguma interferência do MEC no currículo, por exemplo?

**Profa. Maria Marta** - Não! Não havia nada disso! Aconteceu que, nesse período, em 1967, porque 1964 não trouxe maiores problemas, em termos de Revolução.

**Entrevistador** - Sessenta e oito...

**Profa. Maria Marta** - O ano de 1968 foi crítico!

**Entrevistador:** Só para entender melhor, sua indicação foi feita pelo Prof. Orlando de Carvalho ou pelo Prof. Aluísio Pimenta?

**Profa. Maria Marta** - Não! Foi pelo Prof. Orlando de Carvalho e, depois, fui reconduzida pelo Prof. Aluísio Pimenta e, novamente reconduzida, até ser feita a lista tríplice para a nomeação pelo Ministro da Educação. Em 1968, foi criado o cargo de Diretor das Escolas e dos Institutos da UFMG. Entre eles, o da Biblioteconomia, o do ICB, o do ICEX,

o da Belas Artes, enfim, todos os cursos que não existiam ainda, não contavam com a gratificação para o cargo de Diretor, como manda a burocracia. Eles foram criados por lei para as Escolas e Faculdades que ainda não tinham o cargo de Diretor. Eu exerci o cargo de diretora sem receber gratificação. Eu respondia pela Escola, tinha autoridade, mas não recebia [pagamento].

**Entrevistador** - Voltando um pouco atrás, qual era a duração do curso ao ingressar na Universidade? Era de três anos?

**Profa. Maria Marta** - Sim. Três anos. E ficamos um período, também, vale lembrar, com mandato universitário, no qual pudemos trocar todos os diplomas que já haviam sido expedidos até aquela época, validando-os, em igualdade de condições com as pessoas que o haviam concluído na Universidade. Embora estivéssemos na Universidade desde 1964, ficamos durante aquele período (1964 a 1968), sem poder definir quem expediria o diploma. Com o apoio do Conselho Universitário, conseguimos um mandato universitário para expedirmos o diploma pela UFMG. Foi possível, inclusive, trocar os diplomas que haviam sido expedidos anteriormente, com igual validade.

**Entrevistador** - Como era o relacionamento da Escola com as demais unidades da UFMG?

**Profa. Maria Marta** - Muito bom.

**Entrevistador** - Havia intercâmbio entre as unidades, por exemplo, a Escola oferecia disciplinas para outras unidades?

**Profa. Maria Marta** - Não. Naquela época, não. Ainda, não. Foi após a Reforma Universitária que se criaram esses cursos, evitando duplicação de meios para o mesmo fim. Um exemplo foram as disciplinas de Elaboração de Trabalho Científico, dissertações e teses. Se não me falha a memória, a primeira unidade que solicitou essa colaboração foi a Escola de Veterinária, como disciplina de seu currículo. Alguns departamentos do ICEX fizeram a mesma solicitação, mas, os professores da Escola estavam sobrecarregados e não foi possível atender ao pedido. Nessa situação, os departamentos recorriam ao bibliotecário da Unidade, que era orientado pela Escola e seguia metodologia adotada pelos professores da EB-UFMG.

**Entrevistador** - Como era o mercado de trabalho para o profissional que se formava na UFMG? Era muito especializado? Era bem remunerado? O curso preocupava-se em direcionar o aluno para esse mercado?

**Profa. Maria Marta** - Era especializado. As instituições, geralmente, recorriam à Associação de Classe para que ela indicasse um profissional para atuar nas bibliotecas. Mas, no caso de bibliotecários, eles

recorriam principalmente à Escola de Biblioteconomia. Quem fazia a solicitação preferia a indicação de um bibliotecário. E, naquela época, o número de homens que cursava a Biblioteconomia era insignificante.

**Entrevistador** - E, com isso, o curso abriu espaço para as mulheres?

**Profa. Maria Marta** - Abriu. Era uma das profissões ditas femininas, porque a predominância era de mulheres.

**Entrevistador** - Hoje está mudando...

**Profa. Maria Marta** - Este ano, eu vi na relação dos inscritos no Conselho Regional de Biblioteconomia, grande número de homens formados pela UFMG. Então, hoje, já está acontecendo o que se verificava em outros países. Quando estive na Dinamarca, era muito grande a procura por homens para atuarem em Bibliotecas. Como o curso era integralizado em um período de três anos, o profissional poderia entrar no mercado de trabalho mais depressa do que nas demais profissões. Assim, pode ser que agora esteja acontecendo o mesmo processo no Brasil: solicitação de homens para atuarem nas Bibliotecas, por haver mais ofertas de empregos na área de Biblioteconomia do que em outras profissões.

**Entrevistador** - Eu costumo ver, no Quadro de Avisos da Escola de Biblioteconomia, uma série de oferta de estágios para alunos, enquanto que em outras áreas isso não é muito comum.

**Profa. Maria Marta** - As empresas preferem o estagiário em vez de o profissional, porque o estagiário aceita remuneração menor. O bibliotecário considera que estão desvalorizando o diploma dele se o salário for menor.

**Entrevistador** - Alguns estagiários recebem boa remuneração?

**Profa. Maria Marta** - No momento, eu não tenho acompanhado o mercado de trabalho [na área] de Biblioteconomia. Mas, enquanto estive à frente da Escola as coisas eram melhores, havia mais oferta de trabalho do que em muitas outras profissões.

**Entrevistador** - Na época, então, não havia preocupação do curso em arranjar colocação para o profissional. Quer dizer, as próprias instituições procuravam pelo profissional...

**Profa. Maria Marta** - As próprias instituições procuravam. Havia mais oferta de emprego do que procura...

O profissional não precisava sair batendo de porta em porta para obter um emprego.



**Entrevistador** - Naquela época, como era vista a profissão do bibliotecário em relação às demais profissões de nível superior?

**Profa. Maria Marta** - É difícil analisar como ela era vista. Eu sei que, com a predominância feminina na profissão, havia aquela ideia de que não era necessário remunerar tão bem a mulher, que não era a cabeça do casal, não precisava sustentar a família... Ela queria ter o prazer de trabalhar, não precisava ganhar muito. Então, ela era vista como uma profissão que não se precisava pagar muito.

**Entrevistador** - Naquele período?

**Profa. Maria Marta** - Mas, os salários já eram muito bons, Paulo. A mulher estava acostumada a ser professora primária, onde havia também a predominância feminina. Ou dona de casa, que não trabalhava fora. De repente, aparece uma profissão que oferece emprego, com salário melhor do que o de professora primária. Para vocês terem uma ideia, quando fui admitida na Escola de Arquitetura, logo ao terminar o curso, meu salário como professora primária era de 400; como bibliotecária, passei a receber 1.600. Por aí, vocês veem a diferença! E eu ainda era contratada, não ganhava o salário do cargo de Bibliotecário, pois, o chefe ganhava bem mais!

**Entrevistador** - Os professores universitários, nessa época, também recebiam melhores salários?

**Profa. Maria Marta** - Ganhavam muito bem.

**Entrevistador** - Quer dizer então que, não só o professor recebia bom salário, mas, o funcionário também. Os funcionários contratados não se enquadravam na categoria funcionários de efetivos.

**Profa. Maria Marta** - Sim. Ganhavam muito bem. Eu deixei de ser professora primária, do Estado, para quase triplicar meu salário como bibliotecária, mesmo tendo realizado um curso com duração de apenas um ano. Era realmente um sucesso!

**Entrevistador** - Como era o perfil do aluno de Biblioteconomia da década de 1950/1960? Mudou muito em relação à década de 1980?

**Profa. Maria Marta** - O aluno, de modo geral, era mais velho, tinha uma base cultural muito boa e estava buscando um curso que enriquecesse ainda mais seu embasamento cultural. Havia, também, aquele aluno que estava iniciando seus estudos. Como eu disse, de 1950 a 1960, não se exigia o curso secundário completo. Então, pessoas que estavam fazendo o curso de formação de professores podiam fazer o curso de Biblioteconomia. Faziam um pela manhã ou à noite e, o outro, à tarde. O de Biblioteconomia era oferecido pela manhã e o Curso de

formação, em vários Colégios e no Instituto de Educação, eram oferecidos à tarde. Então, podia-se fazer mais de um curso simultaneamente. Havia uma mistura de pessoas mais velhas, com muito conhecimento obtido ao longo da vida, e os que estavam iniciando, mais ávidos por novos conhecimentos.

**Entrevistador** - Em relação ao nível social, havia alunos de camadas mais elevadas?

**Profa. Maria Marta** - Eu não sei. Eu troquei ideias com a Maria Augusta da Nóbrega Cesarino, há pouco tempo, a respeito do perfil do aluno de Biblioteconomia, nos tempos atuais (1998). É bem diferente de antigamente. Naquela época, muitas meninas eram da *society*. Tínhamos como alunas algumas que haviam participado de concursos e foram escolhidas como a *Glamour Girl* do ano. Então, hoje, o perfil é de alunos que vêm da periferia, de curso supletivo... Isso é o resultado de análise feita pela Comissão do Vestibular da UFMG. Assim, o corpo discente de hoje, difere bastante dos velhos tempos da Escola de Biblioteconomia. E, realmente, aquilo que eu, você e a Etelvina ouvíamos, que era um curso de *espera marido*, de moças de classe média alta, era falso, pois essas profissionais se dispunham a trabalhar em igualdade de condições com os demais. Tanto que, na época, chamou-me a atenção uma turma que tinha uma *guardinha* de trânsito. Quando ela se formou, fez concurso e foi contratada pela Petrobrás. Mas, na ocasião, ela ia de uniforme de guarda de trânsito para a Escola. Não havia qualquer demérito nesse fato, mas, se você está acostumado com alunos de classe média alta, aquela não devia ser de classe média alta, mas estava trabalhando e fazendo o curso.

**Entrevistador** - Bem, eu fiz esta pergunta, porque considero que minha turma constituiu um corte no perfil do curso. Na turma anterior, praticamente todos os alunos iam para a Escola de automóvel ou quase todos. Na minha turma de 40 alunos, apenas três usavam veículos. Este fato constitui uma mudança, a senhora concorda?

**Profa. Maria Marta** - É, mas, naquela época, ter carro, era uma novidade. Então, os alunos eram de classe média alta, mesmo. Porque não era comum os alunos irem de carro para a Escola. Hoje, os meninos são aprovados no vestibular e já ganham um carro.

**Entrevistador** - É verdade. Mas, mesmo hoje, o número de alunos que vão à escola de carro ainda é muito pequeno. Qual a importância da Reforma Universitária de 1968 (Lei n. 5540, de 28.11.1968) para a Escola de Biblioteconomia?

**Profa. Maria Marta** - Eu tenho minhas dúvidas se foi importante. O que eu me lembro da Reforma de 68, foi que ela prescreveu: evitar a duplicação de meios para o mesmo fim. Então, como havia disciplinas de outras áreas no currículo, devíamos solicitar professor de determinada

faculdade, para ministrar aulas durante o semestre para nossos alunos. Naquela época, contávamos, entre o corpo docente da Escola, com professores de História da Literatura, de Estudos Históricos-Sociais, de História da Arte, de História da Literatura e de Evolução do Pensamento Filosófico-Científico. Esses professores, que já estavam entrosados com os colegas da Escola de Biblioteconomia, foram transferidos para outras faculdades. Por incrível que pareça, o Professor de História da Arte foi para o Departamento de História, e não para a Escola de Belas Artes. Então, a distribuição não foi muito lógica. [Uma História da Arte, dentro do Departamento de História, aí, tudo bem!]. Em um segundo momento, ele estava acostumado. Quando precisávamos de professor para ministrar uma disciplina, não contávamos com aquele que estava entrosado e que sabia qual a importância de sua disciplina para os alunos da Escola de Biblioteconomia. Quando pertenciam à Escola, eles conviviam com os professores e entendiam as necessidades da área. No momento em que foram para outro Departamento, foi outra coisa. Tínhamos que contar com a colaboração daquele Departamento, para encaminhar um professor para ministrar determinada disciplina de nosso currículo. Na minha opinião, essa Reforma trouxe prejuízos para nós e não sei se esta é a mesma opinião de professores e dirigentes de outras Faculdades que contavam, também, com a colaboração de professores de outros Departamentos da Universidade.

**Entrevistador** - Parece que a Escola da UFMG exerceu liderança na área de Biblioteconomia no Brasil. Em sua opinião, a que se deveu essa liderança? A senhora citou o caso de seus estágios no exterior, o retorno a Belo Horizonte e a realização de cursos...

**Profa. Maria Marta** - Eu acredito, também, em outra coisa que eu havia falado antes, essa nossa preocupação, que eu herdei da Etelvina e que dei continuidade: não sendo o maior, tinha que ser o melhor. Nós envolvíamos nossos professores nessa mesma filosofia. E isso chamou a atenção de docentes de outros Estados, que queriam saber o que a nossa Escola estava fazendo. Por que ela estava fazendo assim? Por exemplo, em 1967, quando nós iniciamos nosso *sillabus*, todas as outras Faculdades queriam saber como é que nós o fazíamos e queriam que mandássemos o programa para elas. Mesmo sem saber qual era a filosofia da elaboração de um *sillabus*. Muito bem. Mandamos o programa. Mas, o que nós estávamos fazendo com a elaboração desse *sillabus* era diferente. O professor devia atualizar a bibliografia incluída no *sillabus*. O que ocorria era que as outras escolas copiavam o programa. Outra liderança da Escola, na área, foi a nossa Revista. Não resta a menor dúvida que ela foi um importante veículo de divulgação, ao mostrar os trabalhos desenvolvidos pelos seus professores para outros Estados, tornando-se, evidentemente, a líder das Escolas. Como publicação semestral, ela manteve uma periodicidade sagrada, mesmo com todas as dificuldades de verbas para sua publicação.

**Entrevistador** - Além do mais, ela nunca publicou dois números em um.

**Profa. Maria Marta** - Realmente, é uma coisa maravilhosa para nós, tanto que outras, que nasceram depois, foram descontinuadas e a nossa está firme até hoje. Talvez, por estar às sombras de uma Universidade. Isso é muito importante, contar com o patrocínio de um organismo que pode dar suporte ao empreendimento. Quer dizer, os professores que assumiram a parte editorial, na cobrança de artigos e na busca por recursos para sua impressão também foram e são muito importantes.

**Entrevistador** - Não restam dúvidas. Agora, além da Revista e os cursos oferecidos pelas professoras Josefa Emília Sabor e Magda Soares, a Escola promoveu, também, um Curso oferecido pelas Professoras Maria Aparecida Pouchet Campos e Maria Tereza Amorim...

**Profa. Maria Marta** - Sim, um curso de metodologia da pesquisa. A minha frustração foi não ter conseguido implantar um Centro de Pesquisa na Escola. Tentei criar, assim como criamos a Revista, mas o Centro não foi para frente. Eu sonhava com um Centro de Pesquisa, onde seriam desenvolvidas pesquisas pelos alunos e professores... Um Banco de Pesquisa, no qual o aluno do curso de Pós-graduação encontraria algum tema para suas dissertações e teses. Isso, infelizmente, não foi adiante. Não sei por que razão. Essa foi a minha frustração, eu queria, também, ter o Centro de Pesquisa na nossa Escola. E não foi adiante nem depois da minha aposentadoria.

**Entrevistador** - Hoje temos o Núcleo de Pesquisas...

**Profa. Maria Marta** - Núcleo a Escola criou, mas em minha opinião não criou um Centro de Pesquisa como o da Engenharia Metalúrgica, no qual o aluno do curso de Pós-graduação encontra temas para dar continuidade às pesquisas.

**Entrevistador** - Atualmente (1998), os Departamentos já determinaram as linhas de pesquisa seguidas pelos professores e alunos no programa de Pós-Graduação. Os professores procuram trabalhar de acordo com aquelas estabelecidas.

**Profa. Maria Marta** - Sei. Mas, o que eu sonhei não foi adiante, não... Foi a minha frustração.

**Entrevistador** - Em que constituiria o Centro de Pesquisa?

**Profa. Maria Marta** - Eu queria que um grupo de professores, que estivesse desenvolvendo pesquisas, acolhesse o aluno do curso de Pós-Graduação e lhe fornecesse um subtema para sua pesquisa e que ele prosseguisse nessa temática para desenvolver sua dissertação ou tese.

Seriam as ramificações de dois, três professores que já estivessem trabalhando em uma pesquisa e que pudessem acolher alunos em um de seus aspectos, para desenvolverem suas pesquisas.

**Entrevistador** - Esta sua ideia é o procedimento adotado pelos Departamentos e pelo Programa de Pós-Graduação. Os mestrandos e doutorandos procuram se encaixar na linha de pesquisa dos professores. Sua ideia de um Centro de Pesquisa, na verdade, ocorre de forma semelhante, no curso de Pós-Graduação da Escola.

**Profa. Maria Marta** – Pois, é. Mas eu queria, justamente, para os alunos da Pós-Graduação... Igual ao modelo da Escola de Engenharia Metalúrgica, onde os professores envolvidos na pesquisa ofereciam oportunidades para outros participarem e desenvolverem um subtema de pesquisa. Isso seria excelente para o Núcleo e, melhor ainda, para o aluno, que já encontraria um caminho delineado para sua pesquisa. Na Pós-Graduação, acontecia assim: você ficava totalmente perdido, buscando um tema para sua Tese.

**Entrevistador** - Como a senhora percebe a evolução do ensino de graduação em Biblioteconomia na UFMG?

**Profa. Maria Marta** - Oh, Paulo! Eu estou afastada há muito tempo e não percebo... Nem posso perceber, porque eu me aposentei em 1981 e não acompanhei as modificações e adaptações curriculares. Sinceramente, essa eu não sei dizer.

**Entrevistador** - Como a senhora vê o inter-relacionamento entre o ensino, a pesquisa e a extensão em Biblioteconomia? Qual a importância do carro-biblioteca para a Escola e para Belo Horizonte? Qual foi a origem da ideia?

**Profa. Maria Marta** - O Ensino e a extensão foram muito bem delineados e cumpridos como parte do carro-biblioteca. São essas coisas que acontecem, por acaso, e que são bem sucedidas. O Instituto Nacional do Livro doava o carro para a Biblioteca Pública, mas não fornecia verba para pagamento de estagiários. Da mesma forma, não previa recursos para pagamento de combustível, motorista e a Biblioteca Pública não tinha condições de sustentar a situação. Dessa forma, a Escola assumiu o carro-biblioteca, o que foi excelente para o Centro de Extensão. Passamos a atender à população da Grande BH. E, assim, foi uma satisfação imensa saber que aqueles menininhos e aqueles velhos das cidades de Santa Luzia e Sabará esperavam o carro chegar, como se estivessem esperando um meio de transporte. No dia da chegada do carro, eles ficavam esperando em fila. Aquilo era uma satisfação imensa! Deu oportunidade para os nossos alunos praticarem os conhecimentos adquiridos e para disponibilizarmos o livro naquelas cidades que não contavam com bibliotecas. Foi excelente! A Extensão nasceu na Escola, por acaso, e foi

muito bem sucedida. O carro-biblioteca possibilitou a realização de vários trabalhos de pesquisa. Os professores, bibliotecários e estagiários atuavam nas atividades de atendimento aos usuários com grande entusiasmo. Entretanto, sem o apoio institucional, este projeto não teria existido.

**Entrevistador** - Quer dizer, então, que o carro-biblioteca da EB-UFMG originou-se da oferta do INL, para a Biblioteca Pública?!

**Profa. Maria Marta** - A Biblioteca Pública estava se desfazendo de seu carro porque não tinha condições de dar continuidade ao programa. Então a EB-UFMG decidiu assumir o programa.

**Entrevistador** - O que levou a Escola a criar a *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, hoje, *Perspectivas em Ciência da Informação*?

**Profa. Maria Marta** - Justamente para ser um veículo de divulgação dos trabalhos desenvolvidos pelos professores, não se restringindo apenas a eles. Ela estava aberta às contribuições de outros profissionais, de profissionais da nossa área, de outros Estados, de outras Entidades. Os autores enviavam seus trabalhos que eram aceitos após análise detalhada, ficando sujeito, inclusive, a serem devolvidos, se a Comissão os recusasse.

**Entrevistador** - Havia um Conselho Editorial?

**Profa. Maria Marta** - Havia um Conselho Editorial, que analisava o trabalho submetido à avaliação. Nós oferecíamos um veículo de divulgação que se destinava, especificamente, a publicar artigos que tratassem de temas ligados ao ensino. Era um veículo para professores de todo o Brasil. Mas, a pessoa não podia se convencer de que o simples fato de enviar o trabalho, significaria que ele seria aceito. O Corpo Editorial examinava e, muitas vezes, o devolvia.

**Entrevistador** - Antes da criação da Revista, a literatura era, praticamente, estrangeira, não?

**Profa. Maria Marta** - Exatamente. Os professores e alunos liam trabalhos apresentados em congressos ou artigos de revistas estrangeiras. Porque, naquela época, como não havia revista especializada na área publicada no Brasil, os trabalhos eram enviados para as Comissões Organizadoras do Congresso e, se aceitos, constituíam os anais, que circulavam de mão em mão!

**Entrevistador** - Os anais também não eram publicados?

**Profa. Maria Marta** - Ao chegar, o participante recebia todo o material disponibilizado pelos relatores, no evento. Ao retornar para suas

instituições, doavam as cópias para a biblioteca, permitindo o uso dos colegas e alunos.

**Entrevistador** - Como era o cenário do Brasil em relação à área de informação, na época da criação do curso de mestrado, em 1976?

**Profa. Maria Marta** - Já se estava chegando à conclusão de que não se justificava a ida de professores para o exterior para fazerem o curso de Mestrado. Nossos, eu digo, das Escolas de Biblioteconomia. E muitos, também, não tinham condições de se afastar do país ou da cidade. Foi aí iniciamos os estudos para a criação de um Curso de Pós-Graduação, aqui em Belo Horizonte. A Escola tinha as condições para iniciar esse Curso. Foi feito um planejamento pela Etelvina Lima, a pioneira da Graduação e da Pós-Graduação. Ela e a Ana Soledade Vieira elaboraram os primeiros estudos com orientação um pouco diferente do curso oferecido pelo Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD). A vantagem da EB-UFMG, sobre o do Instituto, era que o nosso curso estava em uma Universidade, o que não acontecia com o curso do IBBB. O Instituto vivia de favores, era um Curso dentro de uma Instituição administrativa e de pesquisa, que dependia de favores da Universidade Federal do Rio de Janeiro para a expedição de diploma, uma coisa bastante estranha, anômala. Prova disso é que o nosso Curso foi credenciado pelo Conselho Federal de Educação, antes do curso do IBBB. Apesar de termos o diploma do curso do Instituto, o curso da UFMG foi credenciado antes do curso do Rio. Portanto, a Escola tinha toda a infraestrutura necessária para levar adiante o Curso.

**Entrevistador** - E a senhora considera que foi importante para a área, a criação do nosso curso em Administração de Bibliotecas, na EB-UFMG, já que o do IBICT, criado em 1970, era oferecido na de Ciência da Informação? A senhora acha que isso contribuiu, também, para a sedimentação do Curso e o interesse dos alunos?

**Profa. Maria Marta** - Não sei se foi isso ou se foi a necessidade, realmente, de obtenção de titulação pelos professores, porque o que mais atraiu alunos para o Curso de Pós-Graduação foi a exigência de obtenção do grau de mestre, para promoções na carreira de magistério. Foram poucas as pessoas que não eram da área de magistério, mas, muitos deles, nem chegaram a defender as dissertações.

**Entrevistador** - Professora, eu gostaria de saber da senhora quais foram as pessoas que, realmente, contribuíram, de forma significativa, para que o Curso se tornasse uma unidade da UFMG.

**Profa. Maria Marta** - Não podemos nos esquecer do Professor Orlando de Carvalho. Ele foi a mola que deu o impulso, que fez a proposta para a Universidade. Na fase de reconhecimento e decorrente do reconhecimento, a própria proposta de criação da Escola, como uma

unidade, nós devemos ao Professor Clóvis Salgado que, como Conselheiro do Conselho Federal da Educação, foi quem examinou o processo de reconhecimento do curso. É importante destacar que nosso curso foi o primeiro curso a ser reconhecido pelo Conselho Federal da Educação. Ele não via muita possibilidade de o Curso continuar vinculado a um órgão da Reitoria. Assim, inicialmente, propôs que o curso fosse vinculado à Faculdade de Filosofia como um Departamento, ou, então, como unidade independente. Nos trâmites dentro da Secretaria de Ensino Superior, dona Nair Abu-Meri Fortes houve, por bem, elaborar um Projeto de Lei, criando o curso como unidade independente. Nesse ponto, não sei informar quanto houve de influência do próprio Professor Clóvis Salgado ou do respeito ao Professor Clóvis Salgado, por parte da dona Nair, a ponto dela achar por bem elaborar o Projeto de Lei. Então, esse Projeto de Lei que, até certo ponto, não agradou ao Professor Aluísio Pimenta, porque ele via a necessidade de um Artigo criando o cargo de Diretor, mas que, por sorte nossa, ele teve que passar muito rapidamente no Congresso. Outra pessoa a quem devemos muito, em uma segunda etapa, foi o Professor Abgard Renault. Interessante que ele foi nosso parceiro, em um primeiro momento, quando da criação do Curso de Biblioteconomia para professores primários e, em um segundo momento, quando foi o relator do processo de credenciamento da Pós-Graduação em Biblioteconomia. Ele é merecedor do nosso aplauso, vamos dizer assim, porque contribuiu muito para o desenvolvimento da Biblioteconomia, em Minas Gerais.

**Entrevistador** - Qual foi a importância de algumas instituições nacionais (como o IBICT) e algumas internacionais (como o Conselho Britânico, FULLBRIGHT, OEA) na formação do corpo docente da Escola?

**Profa. Maria Marta** - Inicialmente, temos que reconhecer que o IBBD foi o responsável pela preparação de bons professores. Aí, até me excludo, porque ele formou docentes melhores que eu.

**Entrevistador** - Quais são eles?

**Profa. Maria Marta** - Jandira Baptista Assumpção, Paulo da Terra Caldeira, Ana da Soledade Vieira, Carlita Maria Campos, Maria de Lourdes Borges de Carvalho, Maria Augusta da Nóbrega Cesarino, todos passaram pelo IBICT. O Conselho Britânico proporcionou o Curso de Mestrado e Doutorado para Ana Maria Athayde Polke, Anna da Soledade Vieira, L. G. Fontes. A *Fullbright* prestou colaboração importante ao patrocinar a vinda de professores estrangeiros para ministrarem disciplinas no curso de Mestrado da EB-UFMG. A formação de professores nos Estados Unidos, era de responsabilidade da CAPES. Os professores se candidatavam, submetiam seus currículos às Faculdades nos Estados Unidos e, depois, a CAPES concedia a bolsa de estudos.

**Entrevistador** - A CAPES e o CNPq, não?



**Profa. Maria Marta** - Sim, a CAPES e o CNPq concederam bolsas para os professores se manterem no exterior. É o caso de Isis Paim, Eduardo José W. Dias, de Jeannette Margueirite Kremer, de Suzy de Souza Queiróz, que, também, conseguiram bolsas de estudo para a realização do curso de Doutorado. Talvez esteja esquecendo algum. Essas instituições realmente contribuíram muito para a formação de nossos professores.

**Entrevistador** - A senhora foi responsável pela vinda de vários professores estrangeiros para participarem dos primeiros anos do curso de Mestrado da Escola. A senhora poderia indicar, dentre eles, os que foram mais importantes para o Curso? Como foi a atuação e qual foi a colaboração deles na Pós-Graduação em Biblioteconomia na UFMG?

**Profa. Maria Marta** - Olha, inicialmente, temos que lembrar que era exigência, principalmente para o credenciamento do Curso, que o Corpo Docente contasse com mestres e doutores. Nós tínhamos, na época, poucos professores titulados. Daí, a necessidade de convidar doutores estrangeiros que nos fornecessem condições para solicitar o credenciamento de nosso curso. Como muitas vezes nós não vemos em uma fotografia, todas as qualidades do professor, acertamos e erramos nas escolhas. Nós tivemos excelentes professores, e para citar apenas um, não posso me esquecer, Stella Keenan, da Inglaterra. E, também, não fomos muito felizes com outros professores, mas, eles, também, podem dizer a mesma coisa, que não foram muito felizes vindo para nossa Escola, porque tiveram que se submeter às exigências fora do normal, porque nós contávamos com duas categorias, o professor estrangeiro e o professor brasileiro. O professor brasileiro assistia às aulas deles. Então, era um crítico constante, à frente do professor estrangeiro. O professor estrangeiro poderia se esforçar mais, mas ficava constrangido. Em duas matérias eu, como Coordenadora do Curso, era a professora assistente deles. E, muitas vezes, também, nós fazemos pouco de nossas qualidades. Nós achamos que aquele que vem do exterior, tem mais conhecimento. Nossos professores eram bons demais, apesar de não serem titulados. Então, docentes estrangeiros vinham complementar a não titulação de nossos professores. E isso foi por pouco tempo. Vimos que o Curso estava indo muito bem, mesmo sem eles. Agora, o curso está passando por dificuldades, por causa das aposentadorias em massa de uma hora para outra, o que fez com que a Escola perdesse grande número de Doutores. A Escola deve formar nova equipe e eu não sei como está o curso de doutorado.

**Entrevistador** - Nós estamos trabalhando com o pessoal da Escola. Já estamos na segunda turma do Curso de Doutorado e a Escola conta, hoje, com doze doutores do seu próprio corpo docente.

**Profa. Maria Marta** - Então, a fase difícil já passou?

**Entrevistador** - Sim, já passou. E, outros professores estão defendendo tese. A Profa. Lígia M. Dumont defendeu a sua recentemente.

**Profa. Maria Marta** - Marta Aun está indo para a França para complementar a tese?

**Entrevistador** - Ela participará de um programa de bolsa sanduíche; Maria Eugênia Albino Andrade está em fase final; Maria Helena Andrade Magalhães e Vilma Moreira dos Santos Rocha já defenderam suas teses.

**Profa. Maria Marta** - Mas a Escola passou por um período em que foi muito difícil, não?

**Entrevistador** - Sim, foi um período em que houve um grande número de professores se aposentando, simultaneamente.

**Profa. Maria Marta** - A Escola, que era um Centro de Excelência, foi avaliada há dois anos, como B. Aquilo me deu uma tristeza muito grande.

**Entrevistador** - Sem dúvida. Sabemos que os avaliadores são de outros cursos e às vezes, podem ser mais exigentes.

**Profa. Maria Marta** - Diminuiu o número de teses defendidas, de artigos publicados, de professores titulados...

**Entrevistador** - Já recuperou?

**Profa. Maria Marta** - Já.

**Entrevistador** - Como foi o processo de capacitação docente dos professores na área de Biblioteconomia? Que papel eles tiveram no desenvolvimento de pesquisas no curso?

**Profa. Maria Marta** - Olha, a capacitação docente foi iniciada, repetindo a máxima: quem não é o maior, tinha que ser o melhor! Nós não admitíamos professor sem concurso. Quando assumi a direção da Escola, houve necessidade de contratar um professor para me acompanhar, porque eu tinha que viajar muito e ele deveria resolver os problemas que surgissem. Foi o primeiro concurso realizado pela Escola, de acordo com as exigências rigorosas da administração pública, com edital e tudo. Foi quando Ana Helena Goulart Botelho foi admitida como minha assistente. Então, essa capacitação já havia começado por meio de realização de concurso. Havia muitas oportunidades para os professores fazerem cursos e participar de eventos em outras localidades. Houve sempre preocupação em dar oportunidade para os professores crescerem. Isso, vinha da Etelvina, ela passou para mim e foi continuando. Era uma

constante na Escola oferecer oportunidade aos professores. Assim, os docentes tinham condições de se atualizarem e a Escola facilitava ao máximo o que era solicitado. E nós vemos isso até hoje. Olha, você está citando professores que estão indo para cumprir programa sanduíche. A Escola pôs a mão nisso. É uma Escola que merece respeito.

**Entrevistador** - A senhora poderia discorrer um pouco sobre a evolução da Biblioteconomia à Ciência da Informação?

**Profa. Maria Marta** - Não! Sou suspeita! [risos].

**Entrevistador** - Como a senhora avalia os resultados e as perspectivas futuras dos cursos de Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado) em Ciência da Informação, para a melhoria do ensino e o desenvolvimento da área como um todo?

**Profa. Maria Marta** - É claro que com o desenvolvimento do conhecimento ele vai refletir no aprendizado do aluno, na realização de pesquisa, etc. Se a pessoa estiver vinculada a uma instituição de ensino, ela repassará para o aluno, que crescerá, também. Dessa forma, um professor mais capacitado, naturalmente, preparará melhor as turmas que se tornarão profissionais competentes. Não tem dúvida.

**Entrevistador** - Observa-se, também, que grande número de alunos, que fizeram Mestrado acaba retornando às suas Instituições. Quando a Escola publica edital para concurso para vaga, para o cargo de professor, nem sempre eles estão disponíveis para se candidatarem?

**Profa. Maria Marta** - Será, Paulo, que não é uma fase? Porque, no momento, os atrativos oferecidos pela Universidade são poucos e, muitas vezes, a pessoa estando vinculada a uma Instituição que ofereça a ele um salário melhor, com boas condições de trabalho, ele pensará duas vezes se quer atuar no magistério. No momento, magistério não está sendo uma boa... Não está tendo atrativo. Então, esperamos que essa fase passe rapidamente. Houve momentos em que a carreira de magistério era muito boa. Então, realmente, agora, nós temos que reconhecer que passamos por uma fase ruim. Não sabemos se ela durará mais tempo ou se será passageira. Mas, é importante reconhecer o crescimento do indivíduo, através dos cursos realizados por ele.

**Entrevistador** - A Escola tem oferecido cursos de especialização pelo Núcleo e eles têm um custo que, para muitos, não é muito acessível. A senhora gostaria de comentar mais alguma coisa?

**Profa. Maria Marta** - Eu já falei demais! [risos]. Eu passei do limite, não?

**Entrevistador** - Alguma coisa que a senhora ache interessante acrescentar?

**Profa. Maria Marta** - Não, não. Tá bom. Eu só quero lembrar o seguinte. Talvez, da memória do passado, eu possa contribuir. Essas perguntas que o Paulo fez sobre o que está acontecendo, eu não tenho acompanhado há muito tempo. Eu convivo com professores aposentados, embora não temos conversado sobre ensino, do qual não me é possível falar, pois eu me afastei há muito tempo. Encontro-me com aposentados em eventos sociais, mas, nós não tocamos nesses assuntos. Então, talvez, o meu depoimento tenha ficado um pouco prejudicado.

**Entrevistador** - Foi ótimo! Gostaríamos de agradecer à senhora pela disponibilidade e o aprazível convívio durante esta tarde.